

Renata Ferrarez Fernandes Lopes¹

Débora Ferreira Bossa²

¹ Professora Associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Pós doutora, Doutora e Mestre em Psicobiologia pela FFCLRP-USP. Coordenadora da Especialização em Terapia Cognitiva do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

² Psicóloga. Graduada pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço para correspondência: Campus Umuarã - Bloco 2C - Sala 2C48

Av. Pará, 1720 - Bairro Umuarã

Uberlândia - Minas Gerais - CEP: 38400-902

E-mail: rfernandeslopes@fapsi.ufu.br

Recebido : 14/04/2014

Aprovado : 04/05/2014

Uma análise dos contos dos irmãos Grimm a partir da terapia dos esquemas de Jeffrey young

An analysis of the tales of the brothers Grimm from the therapy of the schemes of Jeffrey young

Resumo

A Terapia dos Esquemas proposta por Jeffrey Young tem como característica a noção de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e de domínios de esquemas. EIDs são estruturas esquemáticas formadas por memórias, emoções, cognições e sensações corporais, que se encontram em estados disfuncionais e precoces no desenvolvimento. Uma premissa dessa abordagem é considerar que os EIDs se originam de vivências emocionais nocivas ao longo da infância e adolescência no contexto familiar. Na terapia infantil, os EIDs podem ser identificados e modificados a partir de técnicas narrativas. Os contos de fadas, por conter símbolos, fantasias e metáforas, possibilitam a ativação de estados internos e percepções da criança em relação aos seus EIDs. Foram selecionados trechos de 12 contos para os quais se estabeleceu o índice de concordância em relação aos cinco domínios dos EIDs. A contribuição dessa pesquisa é mostrar que os enredos dos contos de fadas podem compor protocolos de intervenção cognitivo-comportamental infantil, constituindo-se como ferramenta psicoeducativa e interventiva.

Palavras-chave: Terapia cognitivo-comportamental infantil; Terapia dos Esquemas de Jeffrey Young; Contos de fadas; Irmãos Grimm.

Abstract

The Therapy of the Schemes proposed by Jeffrey Young has as a characteristic the notion of Non-adaptive Initial Schemes (NISs) and of domains of schemes. The NISs are schematic structures formed by memories, emotions, cognitions and bodily sensations, which are in dysfunctional states and early in development. A premise of this approach is to consider that the NISs originate from harmful emotional experiences throughout childhood and adolescence in the family context. In child therapy, the NISs can be identified and modified from narrative techniques. Fairy tales, for containing symbols, fantasies and metaphors, they allow the activation of internal states and perceptions of the child in relation to their NISs. Excerpts from 12 tales were selected for which the concordance index in relation to the five domains of NISs was established. The contribution of this research is to show that the plots of fairy tales can compose protocols of child cognitive-behavioral intervention, constituting themselves as a psycho-educative and interventional tool.

Keywords: Child cognitive-behavioral therapy; Jeffrey Young Therapy Schemes; fairy tales; Brothers Grimm.

Introdução

A terapia dos esquemas desenvolvida por Young abrange aspectos presentes na terapia cognitiva beckiana, embora apresente especificidades no que tange à noção de esquemas desadaptativos iniciais (EIDs). Trata-se de uma abordagem empírica, em que a análise do papel das relações interpessoais ao longo da infância e da adolescência é enfatizado^{1,2,3}.

Considerando a utilização dos contos de fadas no tratamento psicoterápico de crianças, o terapeuta infantil usando como base a teoria dos esquemas de Young^{4,5} pode, por meio de tais contos, auxiliar a criança na compreensão de seus EIDs. Em outras palavras, o trabalho com técnicas narrativas pode ser um meio pelo qual a criança pode reconhecer os EIDs presentes nas interações que ela estabelece com o meio e com outras pessoas a partir de suas experiências³. A articulação entre a teoria de Young e o uso dos contos de fadas dá sustento para o uso clínico dos contos de fada, enriquecendo o campo do uso de histórias no tratamento de crianças⁶.

A história apresentada pelo terapeuta deve corresponder aos dilemas enfrentados pela criança, pois quando o terapeuta consegue mostrar relações entre o enredo/ personagem e as experiências infantis, os efeitos terapêuticos sobre os temas abordados terão maior representatividade e significado⁶. O personagem principal da história apresenta uma metáfora ou um modelo velado para a criança, condição que indica que a identificação da criança com um personagem é dependente de fatores como características da criança, do problema e do contexto em que está inserida. A título de exemplo, são comuns em contos de fada personagens de animais ou humanos capazes de se transformar fisicamente ou moralmente, o que possibilitaria para a criança um elemento concreto de reflexão e o suporte para sentimentos de esperança e flexibilização do pensamento rígido, uma vez que as metamorfoses experimentadas por tais personagens poderiam servir como modelo para a transformação de circunstâncias negativas para otimistas, quando tais relações são indicadas e esclarecidas para a criança em seu processo terapêutico^{6,3}.

A narração de história é uma ferramenta utilizada para a avaliação e intervenção breve, cuja finalidade é, entre outros aspectos, compreender o funcionamento da criança. Além disso, permite ao terapeuta conhecer as especificidades quanto ao cuidado que a criança necessita, por exemplo, uma criança com esquemas de desconexão e rejeição pode se interessar profundamente por contos como Branca de Neve e João e Maria, em que a desconexão com a família de origem, experimentada pelos personagens centrais, é um tema bastante explorado. Concluído o processo de avaliação, o uso de histórias e narrativas de contos como uma forma ludoterápica de intervenção permite ao terapeuta auxiliar ativamente a criança a desenvolver estratégias de enfrentamento mais adaptativas, desafiar distorções cognitivas e depender menos de comportamentos disruptivos para comunicar a angústia, tendo como base a história narrada⁷.

Terapia focada em esquemas

No campo das terapias cognitivas, nas quais a terapia do esquema se inclui, o termo “esquema” é atribuído a uma rede estruturada e inter-relacionada de crenças que podem ser ativadas ou desativadas conforme a presença ou ausência de experiências estressantes.^{1,2,4,5} O esquema, portanto, corresponde a uma estrutura cognitiva que processa a informação, filtra, codifica e avalia o estímulo ao qual o organismo é submetido. A matriz do esquema fornece condições para que o indivíduo organize e se oriente em relação

ao tempo e ao espaço, sendo possível identificar as experiências e categorizá-las.

Os esquemas são expressos por padrões complexos de pensamento que, por meio de mecanismos cognitivos, transformam os dados brutos segundo ideias ou categorias prévias, elaboradas ao longo das experiências². Falhas proeminentes ligadas a interpretações tendenciosas das experiências vividas correspondem ao que a terapia beckiana designou como distorções cognitivas, que são erros sistemáticos do raciocínio que, em função da desadaptação que produzem, acabam por gerar sofrimento psicológico e comportamentos desadaptados. As distorções têm como origem crenças centrais disfuncionais sobre si, sobre os outros/mundo e sobre o futuro. As crenças centrais (nível cognitivo mais profundo) são elaboradas ao longo das experiências e quando enrijecidas provocam diferentes tipos de patologias^{2,3,8,9}.

James, Southam e Blackburn¹⁰ consideram que a ideia de “esquema” é um conceito-chave para a psicoterapia moderna, havendo, contudo, confusão a respeito de sua natureza nesse campo, sendo, muitas vezes, um termo usado imprecisamente para descrever formas de cognição. A diferenciação adequada dos esquemas, bem como seus mecanismos de processamento da informação, são essenciais para o desenvolvimento da prática terapêutica.

A Teoria desenvolvida por Young^{1,4,5} é uma abordagem integrativa, que oferece outras perspectivas àquelas encontradas na Terapia Cognitivo-Comportamental beckiana, conciliando conhecimentos da Gestalt, da Psicanálise e do Construtivismo. Trata-se de um novo e amplo sistema de psicoterapia^{1,2,9,11,3}.

A Terapia Focada em Esquemas é fundamentada na neurobiologia e as neurociências cognitivas. Nesse sentido, supõe que os processos mentais operam de modo a armazenar diferentes informações ligadas à aprendizagem emocional. Esses processos são identificados por funcionamento paralelo de dois sistemas cerebrais: o primeiro deles é mediado pelo hipocampo e áreas corticais e está ligado ao estado consciente de processamento; o outro diz respeito ao estado inconsciente de processamento de informação e está relacionado à amígdala^{2,8,9}.

Esse sistema psicoterápico baseia-se na ideia de esquemas iniciais desadaptativos (EIDs). Esse conceito supõe que os esquemas são estruturas estáveis e duradouras que são desenvolvidas e se cristalizam nos períodos iniciais do desenvolvimento da personalidade, ao longo da vida do indivíduo, gerando diversas psicopatologias. Os padrões emocionais e cognitivos desadaptativos tendem a se repetir no decorrer das experiências do indivíduo, modulando a personalidade. Os EIDs servem de base para a interpretação desadaptativa da realidade^{12,4,5,9,3}.

Young^{4,5} afirma que os EIDs surgem da confluência de fatores biológicos e temperamentais decorrentes da natureza nociva dos estilos parentais e sociais, aos quais a criança é exposta. De acordo com Calegari²

Uma criança de temperamento tímido pode estar mais predisposta a apresentar um esquema de isolamento social, e outra biologicamente hiper-reativa à ansiedade pode ter mais dificuldade de superar a dependência em direção à autonomia. Young hipotetiza cinco tarefas desenvolvimentais primárias que a criança necessita realizar para se desenvolver de forma sadia – *conexão e aceitação, autonomia e desempenho, auto-orientação, limites realistas e auto-expressão, espontaneidade e prazer*. Quando não consegue avançar de forma sadia em função de predisposições temperamentais e experiências parentais e sociais inadequadas, a criança pode desenvolver EIDs em um ou mais *domínios de esque-*

ma. Ou seja, problemas no estabelecimento de conexão com as outras pessoas e de um sentimento de aceitação por parte dos outros leva a desenvolver EIDs no domínio *Desconexão e Rejeição*; dificuldades na aprendizagem de autocontrole e senso de limites podem induzir EIDs no domínio *Limites Prejudicados*, e assim por diante (Young, 2003, p. 24).

Os Esquemas Iniciais Desadaptativos são compostos por temas estáveis e duradouros que se estruturam na infância a partir da interação nociva com os pais, familiares, cuidadores⁹. Os esquemas são estruturas de significação disfuncionais, que permanecem inativas até serem acionadas por algo que funcione como um gatilho^{9,8}. Young⁴ afirma que grande parte dos esquemas desadaptativos é desenvolvida a partir de crenças e sentimentos incondicionais referentes a si mesmo e às relações que estabelecemos com os outros. Os esquemas desadaptativos apresentam características fundamentais, tais como: são incondicionais, autoperpetuadores, resistentes à mudança; disfuncionais de maneira significativa e recorrente; ativados por acontecimentos ambientais relevantes para o esquema específico; estão ligados a altos níveis de afeto; e, finalmente, parecem resultar da interação entre o temperamento (inato) e as experiências disfuncionais nas relações familiares e sociais nos primeiros anos de vida.

Uma vez identificados os EIDs, é possível realizar uma intervenção específica que atue sobre as distorções cognitivas produzidas pelo esquema, levando a uma maior adaptação e conseqüente melhora do paciente. Os EIDs estão relacionados à autoimagem e representam um sistema de expectativas rígidas sobre si mesmo e o mundo. Como exemplo, uma pessoa pode ativar um esquema de fracasso, gerando vários pensamentos autoderrotistas com elevada carga emocional, afirmando para si mesmo “não vou conseguir” ou “vou falhar”^{12,4,5,9,3}.

Young⁴ estabelece dezoito EIDs, agrupados em cinco domínios de esquema, os quais serão apresentados a seguir.^{1,4}

A teoria de Young afirma que, quanto ao Domínio 1 (desconexão e rejeição), os principais EIDs são: *abandono/instabilidade*, cujo conteúdo está ligado à percepção de que os outros com quem poderia se relacionar são instáveis e indignos de confiança^{1,4}; *desconfiança/abuso*: crença de que os outros irão machucar, abusar, humilhar, enganar, mentir, manipular ou aproveitar-se^{1,4}; *privação emocional*: expectativa de que o desejo de apoio emocional não será satisfeito pelos outros^{1,4}; *defectividade/vergonha*: sentimento de que é defeitivo, falho, mau, indesejado, ou de não merecer o amor de pessoas significativas^{1,4}; *isolamento social/alienação*: sentimento de que se está isolado do resto do mundo, de que se é diferente das outras pessoas.^{1,4}

A teoria de Young⁴ afirma que, quanto ao domínio 2 (Autonomia e Desempenho Prejudicados), os principais EIDs são: *incompetência*: crença de que se é incapaz de corresponder às responsabilidades cotidianas de forma competente sem ajuda de outras pessoas^{1,4}; *vulnerabilidade ao dano ou à doença*: terror ligado à ideia de que uma catástrofe iminente cairá sobre si a qualquer momento e de que não há como a impedir^{1,4}; *emaranhamento/self subdesenvolvido*: dificuldade de individuação integral e desenvolvimento social normal – muitas vezes, envolve a crença de que não é possível sobreviver ou ser feliz sem o apoio constante do outro^{1,4}; *fracasso*: crença de que fracassou, de que fracassará inevitavelmente^{1,4}.

Com relação ao domínio 3 (Limites Prejudicados), Young⁴ afirma que os principais EIDs são: *arrogância/grandiosidade*: expectativa de ser superior a outras pessoas, de que tem direitos e privilégios especiais, ou de que não está sujeito às regras de reciprocidade que guiam a interação social normal^{1,3,4};

e *Autocontrole/Autodisciplina insuficientes*: dificuldade ou recusa em autocontrolar-se, além de baixa tolerância à frustração^{1,3,4}.

No que tange ao domínio 4 (direcionamento para o outro), os principais EID estão ligados ao *auto-sacrifício*: preocupação excessiva com o cumprimento voluntário das necessidades de outras pessoas em situações cotidianas, às custas da própria gratificação^{1,4}; *busca de aprovação/busca de reconhecimento*: preocupação excessiva com a obtenção de aprovação, reconhecimento e atenção de outras pessoas^{1,4}; *subjugação*: forte submissão ao controle dos outros, por sentir-se coagido, submetendo-se para evitar a raiva, a retaliação e o abandono^{1,4}.

Finalmente, quanto ao domínio 5 (supervigilância e inibição), os principais EIDs são: *negativismo/pessimismo*: excessiva ênfase nos aspectos negativos das situações (sofrimento, morte, perda, decepção, conflito, culpa, ressentimento, problemas não resolvidos, erros potenciais, traição, algo que pode dar errado, etc.), enquanto se minimizam ou negligenciam os aspectos positivos ou otimistas^{1,4}; *inibição emocional*: forte inibição da ação, dos sentimentos ou da comunicação espontâneos, em geral, a fim de evitar a desaprovação alheia, sentimentos de vergonha ou de perda de controle dos próprios impulsos^{1,4}; *padrões inflexíveis/postura crítica exagerada*: expectativa de que se deve fazer um grande esforço para atingir elevados padrões internalizados de comportamento e desempenho, via de regra para evitar críticas; *postura punitiva*: crença de que as pessoas devem ser punidas com severidade quando cometem erros, apresentando dificuldades de perdoar os próprios erros, bem como os alheios^{1,4}.

É necessário compreender, detalhadamente, a história do paciente desde a primeira infância, para compreender como cada EID se formou^{1,3,4,11,14}. O mapeamento dos padrões constituídos precocemente na dinâmica mental, aos quais Young (2003) denominou EIDs, é fundamental para estabelecer estratégias e técnicas de tratamento que possam ser propiciadoras de saúde e supressão do sofrimento humano já na infância, evitando o desenvolvimento de patologias na idade adulta^{2,13,14}. A proposta desse artigo, como se verá a seguir, é oferecer trechos de contos de fada que permitam avaliar e psicoeducar de forma lúdica as crianças em relação aos seus EIDs.

Método

Participantes

Participaram desse estudo seis juízes (especialistas em Terapia Cognitiva), quatro do sexo masculino e dois do sexo feminino. Todos tinham pelo menos 5 anos de formados e 2 anos de conclusão da especialização. Além disso, quatro desses especialistas trabalhavam com psicoterapia cognitiva infantil.

Material

Foram analisados doze contos de fadas de autoria dos Irmãos Grimm¹⁵ com base em conceitos da Terapia Focada em Esquemas (presença de EIDs – domínios de esquemas) para a categorização dos parágrafos e trechos dos contos de fadas selecionados.

Os contos selecionados foram extraídos da obra dos Irmãos Grimm¹⁵ (1812-1815), edição 2012, cuja

tradução do alemão para o português foi elaborada por Christine Röhrig, apresentação de Marcus Mazzeri e ilustrações de J. Borges, Tomos I e II, da Editora Cosac Naify (2012). Os contos selecionados para a análise foram os seguintes: *Rapunzel* (1812); *João e Maria* (1812); *O Alfaiate Valente* (1812); *A Gata Borralheira* (1812); *Chapeuzinho Vermelho* (1812); *A Bela Adormecida* (1812); *Branca de Neve* (1812); *Rumpelstilzchen* (1812); *Barba-Azul* (1812); *O Ganso de Ouro* (1812); *O Velho Avô e o Neto* (1812); *O Príncipe Sapo* (1815).

Procedimentos

Para a elaboração deste estudo, foram transcritos trechos de todas as obras supracitadas. Os parágrafos foram selecionados com base numa correspondência do conteúdo dos parágrafos com domínios de esquemas (desconexão e rejeição; limites prejudicados; autonomia e desempenho prejudicados; direcionamento para o outro; supervigilância e inibição).

Os trechos selecionados foram submetidos à prova de juízes, cuja tarefa consistia em ler com atenção as instruções (definição dos EIDs referentes aos cinco domínios) e classificá-los de acordo com a definição dos EIDs descritos na introdução deste artigo.

Foram selecionados nove trechos dos contos que deveriam ser julgados segundo a definição do conceito de rejeição e desconexão (domínio 1); quatro trechos foram selecionados para serem avaliados segundo os constructos relacionados à autonomia e desempenhos prejudicados (domínio 2); nove trechos foram selecionados para serem avaliados segundo os constructos ligados a limites prejudicados (domínio 3); quinze trechos foram selecionados para serem avaliados segundo os constructos de orientação para o outro (domínio 4); e onze trechos foram selecionados para serem avaliados segundo os constructos de supervigilância e inibição (domínio 5).

Os resultados obtidos foram analisados com base no índice Kappa para verificar a concordância entre os juízes. O índice Kappa considera o nível de concordância interobservador com base em valores que variam de 1 (concordância total) até valores que se aproximam de zero ou negativos (nenhuma concordância entre os juízes). No caso dos valores negativos, temos que a concordância encontrada foi menor que a esperada para a análise do objeto de estudo. Para este artigo, apenas os trechos dos contos de fada que alcançaram um índice de concordância com valores acima de 0,6 (considerado um índice de concordância forte) foram considerados boas ferramentas psicoeducativas, portanto, apenas os trechos que alcançaram um grau de concordância alto foram apresentados e discutidos.

Resultados e discussão

Com relação ao domínio 1 (Desconexão e Rejeição), apenas trechos das histórias *Branca de Neve*, *João e Maria*, *O Alfaiate Valente* e *O Príncipe Sapo*, alcançaram $k = 0,619$. Os trechos selecionados descrevem personagens ou contextos nos quais há uma descrição de dano, abuso, humilhação, engano, mentira, manipulação ou condição em que o personagem se vangloria a partir do desmerecimento alheio. Nesse domínio, os trechos dos contos de fada apresentam a descrição de prejuízo intencional ou o resultado de

negligência injustificada ou extrema, o que levaria a criança a entrar em contato com os próprios sentimentos de desconexão e rejeição de uma forma lúdica à medida que se identificasse com os personagens dos contos^{1,4} (ver Tabela 1)

Tabela 1. Valores de Kappa para os trechos do domínio 1.

	K	Trechos (exemplos)
Kappa Geral	0.388	-
Desconfiança/Abuso	0.619	De manhã cedo, antes de o sol nascer, a mãe acordou os dois: “Acordem, crianças, nós vamos à floresta, tomem aqui um pedaço de pão, mas aconselho guardá-lo até a hora do almoço”. Maria colocou o pão no avental porque o casaco de João estava cheio de pedras e os dois se puseram a caminho da floresta. Depois de terem caminhado um pouco, João parou e olhou para trás, em direção a sua casa, e pouco adiante o fez novamente. O pai perguntou: “João, por que você está olhando para trás e parando?, preste atenção e nos acompanhe”. “Ah, pai, estou olhando para o meu gatinho branco, que está sentado no telhado e quer se despedir de mim. “Que tolo você é, não é seu gatinho, é o sol da manhã que está batendo na chaminé”, retrucou a mãe. Mas o João não estava parando para olhar nenhum gatinho e sim para jogar uma das pedras que levava em seu bolso no caminho atrás de si. [...] De manhãzinha eles receberam um pedacinho de pão menor que o de antes. No caminho, João tratou de despedaçar o pão no bolso do casaco e de quando em quando parava para jogar uma migalha no chão. “Mas, João, por que você sempre para e fica olhando para trás? Ande logo”. “Ah, eu estava olhando a minha pombinha sentado no telhado querendo se despedir”. “Mas que tolo, não é sua pombinha, é o sol da manhã batendo na chaminé”, retrucou a mãe. E João despedaçou seu pão e saiu jogando as migalhas pelo caminho.[...] A mãe levou-os bem mais fundo na floresta, num lugar em que jamais tinham estado antes em suas vidas. Ali novamente deveriam dormir junto ao fogo e os pais iriam buscá-los ao anoitecer. Ao meio-dia, Maria dividiu seu pão com João, porque ele jogara o dele pelo caminho (João e Maria, p. 86 - 89).

No domínio 2 (Autonomia e Desempenho prejudicados,) foram identificados trechos dos contos *Branca de Neve*, *Rumpelstilzchen*, *O Avô e o Neto* e *O Ganso de Ouro*. Para os trechos representativos de EIDs ligados ao tema da incompetência e ao fracasso, encontrou-se $K = 0,7$ para ambas as categorias. Conteúdos ligados a problemas na autonomia e competência podem ser investigados e modificados nas crianças com base na psicoeducação baseada nos desfechos dos personagens que apresentam tais EIDs^{1,4} (ver Tabela 2).

Tabela 2. Valores de Kappa para os trechos do domínio 2.

	K	Trechos (exemplos)
Kappa Geral	0.542	
Incompetência	0.7	Era uma vez um homem que tinha três filhos, mas o caçula era tolinho. Um dia o mais velho disse: “Pai, quero entrar na floresta para cortar lenha”. “Deixe disso”, respondeu o pai, “você vai acabar voltando para casa com um braço enfaixado”. Mas o filho não quis saber e, pensando que já sabia se cuidar, meteu um pedaço de bolo no bolso e partiu. Na floresta, ele encontrou um velhinho de cabelo grisalho, que pediu: “Me dê um pedaço de bolo do seu bolso, porque estou com muita fome”. Mas o filho esperto respondeu: “Por que eu lhe daria o meu bolo e ficar sem nada para mim? Saia do meu caminho!”, e foi embora com seu machado. Ele começou a golpear uma árvore, mas não demorou a errar o golpe e a fazer um corte no braço com o machado, o que o obrigou a voltar para casa e a deixar-se enfaixar. Mas isso tinha sido provocado pelo velhinho (O Avô e o Neto, p. 303).
Fracasso	0.7	O rei mandou trazer a filha do moleiro na mesma hora e ordenou que durante a noite ela transformasse em ouro toda a palha que enchia um quarto; se ela não o fizesse, deveria morrer. Ela foi trancada no quarto e começou a chorar porque não tinha ideia de como transformar palha em ouro. Então de repente um homenzinho surgiu à sua frente e disse: “O que você me dá em troca se eu transformar tudo em ouro?”. Ela tirou o colar e o entregou ao homenzinho e ele fez o que prometeu. [...] Então o homenzinho veio e disse: “Vou fazer uma vez mais, mas você tem de prometer que vai me entregar o primeiro filho que tiver com o rei”. No apuro, ela prometeu; e, quando o rei viu também essa palha transformada em ouro, casou-se com a linda filha do moleiro. Pouco tempo depois, a rainha deu à luz e o homenzinho apareceu para buscar a criança prometida. A rainha implorou o quanto pôde e ofereceu todas as ruas riquezas ao homenzinho se ele deixasse ficar com a criança, mas de nada adiantou. Finalmente o homenzinho disse: “Vou voltar em três dias para buscar a criança, mas, se você souber o meu nome, pode ficar com ela”. [...] No terceiro dia, o rei voltou da caçada e contou a ela que duas noites antes, quando estava caçando bem no fundo da floresta escura, vira um homenzinho ridículo saltando numa só perna em frente a uma casinha, gritando: “Hoje eu assar, amanhã preparar, depois de amanhã, vou lá buscar o filho da rainha. Ai, que bom que não contei a ninguém que meu nome é Rumpelstilzchen!” Ao ouvir isso a rainha ficou muito feliz e, quando o homenzinho ameaçador apareceu, ele perguntou: “Senhora rainha, qual é o meu nome?”. “Será Conrado?” “Não.” “Será Henrique?” “Não.” “Então acaso se chama Rumpelstilzchen?” “Foi o Diabo que lhe contou!”, gritou o homenzinho que, enfurecido, saiu correndo e nunca mais voltou (Rumpelstilzchen, p. 260 – 261).

O domínio 3 (Limites Prejudicados) abrange a categoria dos esquemas desadaptativos ligados ao arrogo/grandiosidade e autocontrole/autodisciplina insuficientes. Nessa pesquisa, trechos encontrados em *Branca de Neve* e *Rapunzel* podem ajudar o terapeuta a psicoeducar as crianças com relação aos EIDs desse domínio. A análise dos juízes para os trechos dos contos selecionados mostra um alto índice de concordância ($k=0,716$) tanto para arrogo quanto para grandiosidade. O valor obtido, portanto, indica que os trechos identificados para a representação deste domínio podem ser utilizados para a psicoeducação da

criança no que tange a EIDs ligados a comportamentos egoístas e pouco empáticos, permitindo ao terapeuta abordar conteúdos correspondentes aos elementos decorrentes da crença de que se é superior às outras pessoas e de que se possui privilégios especiais, cujas regras de reciprocidade e garantia de direitos são desrespeitadas.^{1,3,4} Os trechos dos contos de fada também permitem ao terapeuta abordar a dificuldade ou recusa em exercer autocontrole e tolerância à frustração em relação aos objetivos próprios e suas consequências^{1,3,4} (ver Tabela 3).

Tabela 3. Valores de Kappa para os trechos do domínio 3.

	K	Trechos (exemplos)
Kappa Geral	0.716	-
Arrogo/Grandiosidade	0.716	Ao ouvir tais palavras do espelho, a rainha ficou pálida de inveja e, a partir desse momento, passou a odiar Branca de Neve; quando olhava para ela e pensava que, por sua culpa, não seria mais a mulher mais bela da Terra, sentia seu coração revirar. Atormentada pela inveja, ela chamou um caçador e disse a ele: “Leve Branca de Neve para longe na floresta e mate-a ali; e, para provar que cumpriu minhas ordens, traga-me seu pulmão e seu fígado, que vou cozinhar no sal e comer”. O caçador levou a menina embora e, quando quis sacar sua faca para matá-la, ela começou a chorar e implorou que a deixasse viver, prometendo que jamais voltaria para casa e se embrenharia ainda mais fundo na floresta. O caçador sentiu pena por ela ser tão bela e pensou: “Os animais selvagens logo irão devorá-la mesmo, e eu me sinto aliviado por não precisar matá-la”. E, como justo naquele instante passando por ali um pequeno porco selvagem, ele o matou, tirou dele pulmão e fígado e os apresentou à rainha como prova. A rainha logo os cozinhou no sal e os comeu, pensando estar comendo o pulmão e o fígado de Branca de Neve (Branca de Neve, p.248).
Autocontrole/Autodisciplina insuficientes	0.716	Era uma vez um homem e uma mulher que havia muito desejavam ter filhos, mas nunca tinham conseguido. Desta vez, finalmente, a mulher estava com esperanças. Na casa dos fundos em que moravam, havia uma pequena janela por onde podiam ver o jardim de uma fada, repleto de flores e de ervas de todos os tipos, mas ninguém podia ousar entrar ali. Um dia, a mulher estava diante da janela olhando para baixo quando avistou um canteiro repleto de lindos rapôncios e sentiu muito desejo por eles. Mas, sabendo que não era possível comer nenhum sequer, acabou passando mal e desmaiando. Assustado, o marido perguntou o que causara aquele mal-estar e ela respondeu: “Ai, se não comer um desses rapôncios do jardim dos fundos da nossa casa, vou morrer”. O marido, que a amava muito, pensou que, custasse o que custasse, ele iria conseguir alguns para ela e à noite pulou a cerca alta e arrancou, apressado, um punhado de rapôncios e os levou para a mulher. Ela logo fez uma salada com eles e a comeu com apetite voraz. Mas acontece que gostou tanto, mas tanto, que no dia seguinte ela sentiu o triplo de desejo de comê-los (Rapunzel, p.74).

O domínio 4 (Direcionamento para o Outro) aborda EIDs ligados ao autossacrifício, à busca de aprovação/busca de reconhecimento e subjugação, sendo que os contos selecionados para comporem a análise deste domínio apresentaram um índice de concordância geral $K = 0,916$. Tais trechos foram extraídos dos contos *O Príncipe Sapo*, *A Gata Borracheira*, *O Alfaiate Valente*, *O Ganso de Ouro*, *João e Maria* e *Barba-Azul*. A concordância entre os juizes, para o EID de autossacrifício, foi de $K = 0,778$. Para o EID de busca de aprovação/busca de reconhecimento, foi encontrado $K = 0,929$. Para o constructo subjugação foi obtido um $K = 0,954$. A psicoeducação nesse domínio pode ser feita com base nos trechos dos contos de fada que abordam aspectos relacionados à excessiva submissão e controle dos outros devido ao sentimento de coação. Os personagens submetem-se a essas condições emocionais para evitar raiva, retaliação e abandono^{1,4} (ver Tabela 4).

Tabela 4. Valores de Kappa para os trechos do domínio 4.

	K	Trechos (exemplos)
Kappa Geral	0.916	-
Auto-sacrifício	0.778	Com isso partiram e a menina ficou parada junto à porta até perdê-las de vista. Depois voltou triste para a cozinha e espalhou as lentilhas no fogão. Ao ver a enorme quantidade de grãos, ela disse, suspirando: “Preciso escolhê-las até meia-noite e não posso pregar o olho, ainda que meus olhos ardam. Ai, se minha mãe soubesse!”. Depois se ajoelhou nas cinzas para começar a trabalhar, quando duas pombas brancas entraram pela janela voando e se sentaram ao lado do monte de lentilhas. Elas acenaram com a cabeça, dizendo: “Gata Borracheira, você quer nossa ajuda para escolher as lentilhas?” “Quero, sim”, respondeu ela, “As ruínas no lixinho, as boas no potinho.” (A Gata Borracheira, p.118).
Busca de aprovação/ Busca de reconhecimento	0.929	Espantada, ela pensou em devolver a água ao poço, mas nesse instante um sapo se mexeu dentro do copo, espichou a cabeça para fora da água, saltou até a beira do poço e lhe disse: “Quando aceitar ser minha amada, bem, bem clara deixarei a água”. (p.89) / Curioso, a segunda irmã desceu até o poço, tirou um copo de água e este também estava tão turvo que ela não quis bebê-la. Mas o sapo, que novamente estava sentado à beira do poço, disse: “Quando aceitar ser minha amada, bem, bem clara deixarei a água”. Finalmente a terceira desceu até o poço, tirou um copo de água, e com ela não foi diferente, e o sapo lhe disse: “Quando aceitar ser minha amada, bem, bem clara deixarei a água.” (O Príncipe Sapo, p. 90).
Subjugação	0.954	Um homem vivia na floresta e tinha três filhos e uma bela filha. Um dia, uma carruagem dourada puxada por seis cavalos e com muitos cavaleiros se aproximou, parou diante da casa, e um rei desembarcou e pediu ao homem que lhe entregasse sua filha em casamento. Sentindo-se feliz com a sorte grande da filha, o homem logo disse sim. Também, não havia do que se queixar de um pretendente desses, exceto pelo fato de ter uma barba completamente azul, de modo que, toda vez que se olhava para ele, era impossível evitar levar um pequeno susto. No começo, a menina também se assustou com isso e teve receio de casar com ele, mas, de tanto o pai insistir, acabou aceitando. Como estava com muito medo, antes de partir ela procurou os três irmãos a sós e disse a eles: “Queridos irmãos, se me ouvirem gritar, estejam onde estiverem, deixem tudo como está e venha logo me acudir”. Os três irmãos prometeram a ela que o fariam e a beijaram: “Fique tranquila, querida irmã, quando ouvirmos a sua voz, montaremos nos nossos cavalos e logo estaremos ao seu lado”. Então a menina subiu na carruagem e partiu com Barba-Azul (Barba-Azul, p. 289).

O domínio 5 (Supervigilância e Inibição) é composto de constructos que representam os EIDs ligados ao negativismo/pessimismo, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada e postura punitiva. Trechos de *Branca de Neve*, *Rapunzel*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *Barba-Azul* e *A Gata Borralheira*, ligados à supervigilância e inibição, apresentaram um Kappa geral de 0,732. Os EIDs que obtiveram maior concordância entre os juízes foram, respectivamente, negativismo/pessimismo ($K = 1$) e postura punitiva ($K = 0,855$). Nesse sentido, trechos desses contos de fada permitem ao terapeuta abordar e intervir sobre a visão catastrófica de crianças com quadros de fobia e ansiedade. Da mesma forma, padrões punitivos das crianças podem ser abordados e modificados com base nos personagens e nas consequências de seus comportamentos^{1,4} (ver Tabela 5).

Tabela 5. Valores de Kappa para os trechos do domínio 5.

	K	Trechos (exemplos)
Kappa Geral	0.732	-
Negativismo/Pessimismo	1.0	O príncipe fez com que o caixão fosse levado ao seu castelo e colocado no salão, onde passava o dia sentado sem conseguir desviar o olhar dela; se tivesse de sair e não pudesse olhar para Branca de Neve ele ficava triste, e não conseguia comer nada se o caixão não estivesse do seu lado (<i>Branca de Neve</i> , p.254).
Postura punitiva	0.855	Não demorou para que o lobo chegasse e batesse na porta, chamando: “Abra, vovó, é a Chapeuzinho Vermelho, eu trouxe bolo”. As duas ficaram bem quietas e não abriram a porta. Enfurecido, o lobo rondou a casa muitas vezes e finalmente saltou no telhado, pensando em esperar até que Chapeuzinho Vermelho voltasse para casa à noite para devorá-la na escuridão. Mas a avó percebeu a intenção dele. Diante da casa, havia um grande cocho de pedra e ela disse à neta: “Vá buscar o balde, Chapeuzinho Vermelho. Ontem cozinhei salsichas. Jogue a água na qual eu cozinhei as salsichas no cocho”. A menina carregou a água até encher o cocho. O lobo sentiu o cheiro de salsicha e espichou tanto o pescoço atrás do cheiro que perdeu o equilíbrio, começou a escorregar do telhado e acabou caindo no cocho e se afogando. Chapeuzinho Vermelho voltou alegre e confiante para casa (<i>Chapeuzinho Vermelho</i> , p. 140).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo permitem adotar a narração de histórias como recurso no tratamento psicoterapêutico de crianças, de modo que, à luz da terapia dos esquemas, pode-se psicoeducar as crianças sobre seus EIDs, usando como base os trechos dos contos de fadas elaborados pelos Irmãos Grimm. A utilização das histórias no contexto psicoterapêutico pode fortalecer a aliança terapêutica entre o psicoterapeuta e a criança, além de se configurar como ferramenta capaz de ativar estados internos e percepções do paciente devido a seus conteúdos imersos no símbolo, na fantasia e na metáfora. A utilização dos contos de fadas pode potencializar o trabalho clínico e, quando são articulados à experiência da criança, possibili-

tam compreender e modificar as impressões que a criança tem de suas experiências. A partir dos resultados alcançados nesta pesquisa, é possível sugerir, com base em critérios estatísticos, quais trechos dos contos de fadas podem ser utilizados como instrumentos psicoeducativos no processo terapêutico de crianças, uma vez que os enredos permitem o acesso às cognições ligadas aos EIDs. Os resultados mostraram que técnicas narrativas podem ser úteis nas intervenções baseadas na terapia dos esquemas para crianças, ampliando o instrumental interventivo no contexto clínico.

REFERÊNCIAS

1. Young JE, Klosko JS. Reinventing your life: The breakthrough program to end negative behaviour and feel great again. New York: Plume Book, 1994.
2. Callegaro, M. M. A neurobiologia da terapia do esquema e o processamento inconsciente. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas [Periódico]. 2005 Jun; 1: (1). Rio de Janeiro [Acesso em 15 abr 2013]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872005000100002&script=sci_arttext
3. Lopes RFF, Leite DT, Prado TP do. Proposta psicoeducativa para crianças baseada na terapia de esquemas [Periódico]. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas. Rio de Janeiro, 2011; 7: 2.[Acesso em 07 mai. 2014] Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000200008
4. Young J. Terapia cognitiva para transtornos de personalidade: uma abordagem focada nos esquemas. Porto Alegre: Artes Médicas; 2003.
5. Young J. Schema-focused cognitive therapy and the case of Ms. S. Journal of Psychotherapy Integration, 2005; 15: 115-126.
6. Friedberg RD, McClure JM. Aplicações Criativas da Terapia Cognitivo-Comportamental. In: _____. A Prática Clínica de Terapia Cognitiva com Crianças e Adolescentes. Porto Alegre: Artmed, p. 119-133; 2004.
7. Hudd S. The Use of Play and Narrative Story Stems in Assessing the Mental Health Needs of Foster Children. In.: SCHAEFER, C.; MCCORMICK, J.; OHNOGI, A. International handbook of play therapy: Advances in assessment, theory, research, and practice. v. VII. Lanham, MD, US: Jason Aronson, pp. 113-132; 2005.
8. James IA, Reichelt FK, Freeston MH, Barton SB. Schemas as Memories: Implications for Treatment. *Journal of Cognitive Psychotherapy*. 2007; 21: (1), 51 – 57 (7).
9. Duarte ALC, Nunes MLT, Kristensen CH. Esquemas desadaptativos: revisão sistemática qualitativa [Periódico]. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas. 2008 Jun; 4: (1) Rio de Janeiro. [Acesso em 07 mai. 2014] Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872008000100004&script=sci_arttext&tlng=es

10. James IA, Southam L, Blackburn MI. **Schemas revisited**. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 2004; 11: (6), 369-377.
11. James IA. Schema therapy: The next generation, but should it carry a health warning?. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 2001; 29: (4), 401-407.
12. Cazassa, MJ, Oliveira MS. Terapia Focada em Esquemas: conceituação e pesquisas [Periódico]. *Revista Psiquiatria Clínica*. 2008; 35: (5), 187-95.
13. Jovev M, Jackson HJ. Early Maladaptive Schemas in Personality Disordered Individuals. *Journal of Personality Disorders*. 2004 Oct 18; 467-478. DOI: 10.1521/pedi.18.5.467.51325.
14. Cecero JJ., Nelson JD, Gillie JM. Tools and tenets of schema therapy: Toward the construct validity of the early maladaptive schema questionnaire-research version (EMSQ-R). *Clinical Psychology & Psychotherapy*. 2004; 11, 344-357.
15. Grimm J, Grimm W. *Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812 – 1815)*. Trad. Christine Röhrig. v. I; II. São Paulo: Cosac Naify; 2012.